



## A MANIFESTAÇÃO DA SENSIBILIDADE NA DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO HUMANA: UM ESTUDO A PARTIR DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Carla Furlani<sup>1</sup>  
Vanderlei Carbonara<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao situar a dança como possibilidade de formação humana, estabelecemos uma ligação entre o fazer dança e o revelar da experiência com a obra. O artigo aproxima o conceito de experiência da arte sob o enfoque gadameriano e a possível articulação com o agir moral, constituindo o caráter formativo das relações através da abertura à experiência estética. Em um processo educativo, a arte manifesta-se como possibilidade de ação em uma sociedade que se sensibiliza diante do apelo do outro.

**Palavras-chave:** Dança e Educação; Formação da Sensibilidade; Experiência Hermenêutica.

**Resumen:** Al situar la danza como posibilidad de formación humana, establecemos un vínculo entre el hacer danza y el develar de la experiencia con la obra. El artículo aborda el concepto de experiencia del arte bajo el enfoque gadameriano y la posible articulación con la acción moral, constituyendo el carácter formativo de las relaciones a través de la apertura a la experiencia estética. En un proceso educativo, el arte se manifiesta como posibilidad de acción en una sociedad sensible al llamado del otro.

**Palabras clave:** Danza y Educación; Formación de la Sensibilidad; Experiencia Hermenêutica.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Dança, pela Universidade de Cruz Alta-RS (UNICRUZ) e Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul-RS (UCS). Integra o Grupo de pesquisa sobre educação filosofia e multiplicidade na contemporaneidade. Áreas de interesse: dança, educação, sensibilidade e hermenêutica filosófica. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1530803733220393> E-mail: [cfurlani1@ucs.br](mailto:cfurlani1@ucs.br).

<sup>2</sup> Graduado e Mestre em Filosofia, Doutor em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Área de Humanidades, atuante nos Cursos de Graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Filosofia, da Universidade de Caxias do Sul-RS (UCS). Coordena o grupo de pesquisa: Educação, filosofia e multiplicidade na contemporaneidade. Áreas de interesse: filosofia da educação, temas que tratam sobre ética e formação numa perspectiva pós-metafísica. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0437585440783626> ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0752-1189> E-mail: [vanderlei.carbonara@ucs.br](mailto:vanderlei.carbonara@ucs.br).

# Revista Gepesvida

## INTRODUÇÃO

O artigo<sup>3</sup> a seguir, percorre uma breve reflexão sobre a experiência da dança, enquanto constituição de formação, diante do vir-a-ser que é revelado no acontecimento da obra. A ligação entre o fazer dança e o sentido do que se apresenta, situa a dança em uma relação que aproxima a sensibilidade e a formação constituinte da experiência com a arte. Sobretudo, manifesta-se como uma possibilidade de formação compreendida pela escuta do humano.

A pesquisa que designou este artigo, correlaciona-se com a estrutura hermenêutica proposta por Hans-Georg Gadamer, por meio da experiência da arte e do fenômeno ontológico da obra. O que nos aproxima da constituição transformadora recorrente da experiência relacionada à dança e as implicações na formação humana que a própria experiência revela. Considerando, que a hermenêutica Gadameriana percorre o século XX, distanciando-se do que ele chama de filosofia da reflexão (centrada na consciência e identificada com o movimento da *Aufklärung*) e situa a hermenêutica filosófica no plano da historicidade. Uma hermenêutica da facticidade, dos acontecimentos, que se posiciona como o modo de racionalidade filosófica que se dá no tempo histórico, pela via da linguagem e, portanto, na construção de sentido estabelecida na intersubjetividade. A experiência hermenêutica ocorre por meio de uma relação existencial, inserida no contexto histórico, sem a viabilidade de seguir um procedimento metódico para se chegar a uma adequação estabelecida.

As obras de Gadamer, trazem reflexões que aproximam o humano, a compreensão e o diálogo, além de ocupar-se da constituição do sujeito, um dos temas filosóficos com implicações para pensar a formação humana. Em uma de suas conferências, proferida a 19 de maio de 1999, em Dietrich – Bonhoeffer – *Erziehung ist sich erziehen*, (literalmente traduz-se por *Educação é educar-se* e seu equivalente na publicação castelhana: *La educación es educarse*), marca com expressividade a recepção da hermenêutica filosófica na América Latina, em que Gadamer, reflete sobre a educação

---

<sup>3</sup> O artigo tem origem na dissertação intitulada: A manifestação da sensibilidade na dança como possibilidade de formação humana: um estudo a partir da hermenêutica filosófica, sob a orientação do Prof. Dr. Vanderlei Carbonara, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul-RS.

# Revista Gepesvida

como auto educar-se. O que corrobora com a afirmativa do autor, que o acesso à morada do mundo também é a ousadia de formar novas palavras com as quais já se falou. Isto é, que o ser humano possa acessar o seu mundo, ter acesso ao mundo próprio e, após, ter a ousadia de transformar esse contexto que se apresentou na trajetória de sua vida. Aqui, é norteado pela constituição transformadora recorrente na experiência da obra de arte relacionada à dança enquanto formação.

A reflexão aborda a experiência da obra de arte através da estrutura do ‘jogo’, conceituada por Hans-Georg Gadamer, percorrida como uma experiência genuína. De modo que, a obra “ganha seu verdadeiro ser ao se tornar uma experiência que transforma aquele que a experimenta” (GADAMER, 2007, p. 155). E na dança, por meio da sensibilidade, ela é apresentada como um caminho que abre espaço para a individualidade manifesta e o diálogo subjetivo argumentativo, haja vista, que tais experiências “de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu” (HERMANN, 2010, p. 17). Possibilita-se, então, aproximar ao texto a reflexão sobre autoformação e o autocriar-se, estabelecido em articulação com a interpretação gadameriana do conceito aristotélico da *phronesis*. Esta, articulada à sensibilidade, constitui a formação do indivíduo que se relaciona à experiência da obra.

O encontro com o acontecimento da cena possibilita estabelecer um diálogo argumentativo como ponte de construção do ouvir e da singularidade que se apresenta, na educação, infere no processo formativo do sujeito questionador, aproximando-o da compreensibilidade nas ações cotidianas. Implica, ainda, no movimento percorrido por Carbonara (2013, p. 129) sobre “[...] reconhecer a pluralidade de razões possíveis”, colocando o processo de formação em um plano aberto.

## **DANÇA, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO**

A dança, neste contexto, situa-se aproximando um caminhar partilhado que se constitui no inesperado, como abertura ao que é alheio, ao estranho que se aproxima. No acontecer da obra, não somente se manifesta o reconhecimento ao outro, mas o questionamento da realidade vivencial – “Como aquele que diz algo a alguém, aquele que nos diz algo é alheio no sentido de que se estende para além de nós” (GADAMER, 2010,

# Revista Gepesvida

p. 06), em virtude de que, a estranheza se aproxima em semelhança no reconhecer que acolhe enquanto sensibilidade que transparece: como também transparece à medida do que se é possível compreender, mas que guarda e retém a sua essencialidade.

Uma experiência que se compreende enquanto ‘vínculo humano’, torna o momento como preenchido de vida, o que possibilita ao tempo se tornar o fundamento que sustenta o acontecer. Interposto, ao que ganha duração e importância a partir daquilo que se mantém enquanto registro de sentido, aquilo que se estende temporalmente e que, no decorrer da vivencialidade, temos a condição de reformular enquanto entendimento do que fora vivido. Sobretudo porque, para Gadamer (2007, p. 105), vivenciar implica, de início,

[...] ainda estar vivo, quando algo acontece. [...] O vivenciado (*das Erlebte*) é sempre o que nós mesmos o vivenciamos (*das Selbsterlebte*). Mas a forma ‘o vivenciado’ é usada também no sentido de designar o conteúdo permanente daquilo que é vivenciado. Esse conteúdo é como um rendimento ou resultado que ganha duração, peso e importância a partir da transitoriedade do vivenciar. (GADAMER, 2007, p. 105).

Neste contexto, abordamos o conceito de vivência, a fim de elucidar a aproximação à experiência da arte percorrida pelo bailarino e pelo espectador diante da obra e a sua constituição. Vivência que, de início, é pensada conceitualmente para que a reflexão sobre a experiência na arte assuma a articulação oportuna em relação à formação e, conseqüentemente, no processo educacional. Na língua alemã, os termos *Erlebnis* (aqui traduzido por vivência) e *Erleben* (viver ou vivenciar) que somente tornaram-se usuais após meados do século XIX. *Erlebnis* possui um caráter de

[...] ligação imediata com a vida no reconhecimento do exercício da existência e no fortalecimento da constituição do ser finito e histórico, sempre passível de reformulações, num movimento de plasticidade e sensibilidade para consigo e para com o mundo. Ter vivência significa estar interposto, apreender o momento vivido, além de acolher a vivência não somente com as possibilidades palpáveis e percebidas, mas aquilo que se manifesta para além do nosso entendimento. [...] Vivência como conteúdo *sentido na pele*, experimentado e individual. (NEUBAUER, 2015, p. 15).

Possibilita-se, assim, a interpretação e reflexão do indivíduo que a vivenciou como um saber vivido, no sentido teórico e prático, de uma vida com um retorno sobre ela mesma. Pois, essa relação de entendimento e desvelamento promove a reelaboração do próprio conhecimento. Permitindo, na condição de uma vida desperta, ampliar a compreensão diante do aspecto histórico que se apresenta e, impulsionar a

# Revista Gepesvida

dimensionalidade do saber-se.

Ocorre que, ao vivenciar a arte, se faz presente uma inteireza de significados, em que o inesperado da experiência se estabelece enquanto vida que rompe entre a realidade e a obra, representando imediatamente o sentido vivido (a obra de arte torna-se um mundo para si), situando-se como uma possibilidade de reelaborar suas vivências. Por isso, o conceito de experiência estética fundamenta a perspectiva da arte quando a compreende enquanto consumação da vida. Torna-se, constituinte e indissociável ao indivíduo que entra em pertencimento à obra, alargando-se, personificando o acontecer vivido. Para Gadamer (2007, p. 116), “[...] a experiência estética não é apenas uma espécie de vivência ao lado de outras, mas representa a forma de ser da própria vivência” – haja vista a expressão “forma de ser” ter em si o conceito ontológico enquanto constituição de sentido.

A experiência da dança, enquanto abertura à presença do outro, se revela como possibilidade de manifestação do sentido vivido. Posto que, a abertura “[...] exige de nós a disposição de aceitar o que é alheio, o outro, o desconhecido nele mesmo, isto é, na própria ameaça contida e aberta na constatação da distância intransponível, presente no encontro” (FLICKINGER, 2010, p. 73) de forma a apresentar o movimento de deslocamento do sujeito para a intersubjetividade. Na circularidade do diálogo é que se intensifica uma experiência significativa que se constitui, no percurso da temporalidade, no conjunto de experiências vividas.

Uma experiência que se torna, então, um saber formativo, em que o encontro com o outro é essencial para constituir a relação de compreensibilidade. Essa dimensão formativa, em relação à dança (como experiência estética), constitui-se como forte argumento para posicionar a presente pesquisa em educação, em que o percorrer da *relação eu-tu* – enquanto reconhecimento recíproco – solicita a abertura mútua para que se estabeleça o verdadeiro vínculo humano, haja vista:

A pertença mútua significa sempre e ao mesmo tempo poder ouvir uns aos outros. [...] A abertura para o outro significa, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o faça valer contra mim (GADAMER, 2007, p. 472).

Em uma experiência de abertura ao que o outro tem a dizer, afinal, o outro sempre é estranheza e inquietação diante das possibilidades de reconhecimento que se

# Revista Gepesvida

assemelham, exigindo um esforço dos pares para aprender a ouvir, em uma espera condicionada à possibilidade de uma experiência posterior. O que corrobora com as palavras de Carbonara (apud RAJOBAC; BOMBASSARO; GOERGEN, 2016, p. 285): “[...] ouvir, para além de um ato fortuito, é uma experiência na qual aquele que ouve constitui-se em relação com outrem.” Um ouvir que implica em passividade enquanto abertura ao inusitado e, ao mesmo tempo, requer uma intencionalidade presente, “[...] como movimento inicial para a resposta que se sucederá à escuta. O ouvir, nesse sentido, requer abertura – própria da passividade – e atenção – própria da intencionalidade” (RAJOBAC; BOMBASSARO; GOERGEN, 2016, p. 286), exigindo um esforço dos pares para aprender a ouvir, em uma espera condicionada à possibilidade de uma experiência posterior.

Estar aberto à experiência estética possibilita estimular a nossa subjetividade a transformar os entendimentos, envolvendo a *tarefa de criação de si*, integralizando a constituição do humano aos processos formativos. Consequentemente, atualiza o próprio horizonte numa perspectiva que ultrapassa o entendimento estabelecido. Caracterizando o acontecimento hermenêutico de “[...] revisão incessante da expectativa de sentido e do esboço de totalidade inicialmente projetados (GADAMER, 2010, p. XII). Especialmente, no confronto consigo mesmo é que se cumpre um papel de profundidade diante da seriedade do jogo<sup>4</sup> da arte, em que o excesso de vida revela, enquanto “[...] comunicabilidade, naquilo que se encontra na e como experiência” (HERMANN, 2010, p. 57) percorrendo o permanente atualizar-se.

## O CONCEITO DE JOGO GADAMERIANO

Gadamer, relaciona ao modo de ser da obra de arte, posicionando o jogo como característica central no acontecimento da obra. Para o autor, assim como no jogo, a arte manifesta-se no encontro entre o lúdico e o pertencimento da obra, de tal forma que, ao jogar, os participantes encontram-se imersos na ludicidade temporal do ato, o que proporciona um transbordamento experienciável, ou seja, um “[...] excesso de vida e de

---

<sup>4</sup> Gadamer aproxima-nos do significado hermenêutico da experiência do jogo no acontecer da arte e do movimento ontológico que se revela através da obra.

# Revista Gepesvida

movimento ao qual desfrutam” (GADAMER, 2007, p. 50).

No acontecer do jogo dançante, a dança integra o jogo de tal forma que possui uma relação de participação direta, “[...] quase de identidade essencial. A dança é uma forma especial e especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 2020, p. 217). Ela é, ao mesmo tempo, ritmo, movimento e plasticidade que conduz a matéria na experiência da arte, constituindo o personagem principal, o sujeito do jogo. Nesse acontecer, o jogo mostra-se exatamente onde podemos fazer de outra forma, em que os estranhos semelhantes se encontram, o que não significa dizer que a seriedade ou as regras do jogo não se estabeleçam, pois “[...] só se pode jogar com possibilidades sérias. Isso significa, evidentemente, que alguém se engaja ao ponto de permitir que o superem e se imponham. O atrativo que o jogo exerce sobre o jogador reside exatamente nesse risco” (GADAMER, 2007, p. 160). Envolve, a escolha e o fascínio de saber se conseguir-se-á chegar ao próximo ponto, sobretudo, a expectativa do desconhecido, diante da própria experiência, que conduz o participante à abertura ao acontecimento do jogo. Este, que requer a participação comum, situando-se enquanto experiência que

[...] não é tomada numa dimensão solipsista de um sujeito que contempla a obra, mas é remetida ao conjunto de relações imbricadas nessa experiência: tal qual a um jogo em que aquele que se põe a jogar não o faz apenas a partir de si, mas conforme o contexto do jogo (RAJOBAC, 2016, p. 286).

Deste modo, a partir dos pressupostos de Gadamer (2007, p. 165), “[...] o jogar só cumpre a finalidade que lhe é própria quando aquele que joga entra no jogo”. Na experiência da arte, a transformação diante do espectador e do realizador é inerente, uma vez que os “jogadores (ou poetas) não existem mais, há apenas o que é jogado por eles” (GADAMER, 2007, p. 167). Afinal, “[...] o mundo da obra de arte, no qual um jogo se manifesta plenamente na unidade de seu decurso, é um mundo totalmente transformado” (GADAMER, 2007, p. 168), ou seja, a real transformação para a verdade constitui e resgata o ser, no acontecimento que está em curso.

Para Huizinga, a dança situa-se no âmbito do jogo, assim como o jogo situa-se no âmbito da dança. Ambos participam de uma relação direta que impulsiona o percurso da essencialidade do acontecimento: “Não é que a dança tenha alguma coisa de jogo, mas, sim, que ela é uma parte integrante do jogo” (HUIZINGA, 2020, p. 21). Ela participa diretamente do jogo proposto e na constituição de um processo de continuidade,

# Revista Gepesvida

manifestando-se enquanto experiência que se intensifica e é preenchida pelo momento presente, com um tempo próprio “[...] e que nós todos conhecemos a partir de uma experiência de vida própria.” (GADAMER, 2010, p. 184).

No jogo da arte, os partícipes têm a possibilidade de formação articulada ao “[...] movimento do ser que volta a si mesmo a partir do outro” (HERMANN, 2002, p. 100). Movimento em que o indivíduo tem a chance de transpor suas singularidades e vivências, estabelecendo vínculos nas ações e no mundo comum. Além disso, um acontecimento disposto à abertura e ao jogo prepara o indivíduo para o estranhamento, possibilitando a reflexão moral diante da presença do outro.

## **O REVELAR DA COMPREENSÃO HERMENÊUTICA NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA**

Gadamer assume a estrutura da ética aristotélica a partir da *phronesis* para desenvolver a ideia da aplicação – a tríade hermenêutica formada pela compreensão, interpretação e aplicação. Salientando que para o autor – compreender (que implica também interpretar e aplicar) não é ato simples da consciência que se encerra na interioridade do sujeito, mas se dá a partir da presença de um outro. Assim, “[...] o homem que compreende não sabe nem julga a partir de um simples estar postado frente ao outro sem ser afetado, mas a partir de uma pertença específica que o une com o outro, de modo que é afetado com ele e pensa com ele” (GADAMER, 2007, p. 425). Gadamer refere-se à compreensão como um compreender que envolve a participação da presença do outro e a condição de historicidade que aí se apresenta.

O saber ético aristotélico, segundo Gadamer, refere-se à tomada de decisão, “[...] é o saber que se deve responder à exigência da situação de cada momento” (GADAMER, 2007, p. 414). Relacionado como um saber de caráter ético na deliberação prudente, é atribuído como “[...] uma habilidade particular da razão prática que guia as ações humanas – a *phronesis*, a excelência da sabedoria prática”, constituinte de um saber de si e um saber para si (HERMANN, 2010, p. 68). Nas palavras de Gadamer (2007, p. 417), aquele que possui o saber prático, a prudência, “[...] deve saber aplicar o que aprendeu em geral à situação concreta.” E é com esse saber, vinculado à ação humana, que toma o



# Revista Gepesvida

geral como referência para deliberar sobre o particular, que Gadamer dá à compreensão uma dimensão que suplanta a epistemologia e se constitui ontologicamente. Para além da apreensão de qualquer significado objetivo, a compreensão se dá sempre como sentido de mundo que produz a ação. Delibera-se e age conforme se compreende o mundo. Nesse sentido Flickinger (2010, p. 120) comenta a respeito da recepção hermenêutica da *phronesis*:

[...] a entrega numa experiência processual viva. Uma experiência, portanto, que força o sujeito, a cada novo passo, a refletir acerca da adequação de sua postura perante a coisa. [...] a *phrónesis* diz respeito, antes de tudo, ao autoentendimento da pessoa no ato de responsabilizar-se pelo agir.

A compreensão hermenêutica, com a recepção da *phronesis*, está além da simples evidenciação de algo e inclui a capacidade de julgar corretamente sobre a escolha, sobre aquilo que tem conexão com a prudência. Nesse sentido, é importante perceber o caráter formativo que a *phronesis* traz à hermenêutica filosófica: toda a compreensão implica em participar de uma visão de mundo, não como um tomar para si um mundo já objetivado, mas saber discernir histórica e intersubjetivamente diante de qualquer dilema. A *phronesis* dá à hermenêutica filosófica uma permanente dimensão de aprender a viver.

Todo o compreender, assim como na *phronesis* aristotélica, implica em um processo deliberativo, um “[...] saber discernir num movimento temporal de compreensibilidade” (CARBONARA, 2017, p. 364), de tal forma que, ao tomar algo como verdadeiro, sugere um saber-se que se estabelece historicamente e, como consequência, envolve o outro. Estabelece-se, principalmente, na relação entre a experiência e o discernimento, que requer “[...] sempre um momento de autoconhecimento e representa um aspecto necessário do que chamamos experiência num sentido autêntico. Discernimento é algo a que se chega” (GADAMER, 2007, p. 466), porque se constitui pelo próprio ser humano como um retorno ao que antes era entendido como tal e que é possível confirmá-lo de outro modo, ampliando e reeditando seu horizonte vivido.

Quando se compreende algo, aplica-se o entendimento em relação à situação, passando a agir de forma diferente nas relações, o que implica em saber “[...] valer-se das diversas experiências elaboradas para julgar com retidão e decidir o que é melhor numa situação inusitada” (CARBONARA, 2016, p. 363). O saber-se, diante do mundo

# Revista Gepesvida

desconhecido, solicita uma postura nova, um agir relacionado à compreensão transformada e no agir prudente perante a alteridade que se mostra, ou seja, “[...] compreendê-lo a cada situação concreta de uma maneira nova e distinta, para Gadamer [...] compreender é sempre também aplicar” (GADAMER, 2007, p. 408). Dito isso, estabelece-se a possibilidade de um processo de autoformação, em que o indivíduo, por intermédio do questionamento, atualiza as próprias compreensões.

Para Gadamer (2007, p. 424), “[...] a compreensão é introduzida como uma modificação da virtude do saber ético, na medida em que aqui já não se trata de mim mesmo, que devo agir”, e, sim, na capacidade de permitir ser afetado pelo outro e pelo seu pensar, o que se aproxima das palavras de Hermann no texto: “Ética, Estética e Alteridade”<sup>5</sup>, quando menciona: “*O reconhecimento do outro é o ponto de partida para a compreensão e a abertura à alteridade.*” Diante do inusitado e do estranho, o saber moral e a compreensão transcorrem o acontecer da experiência enquanto caráter de formação. Ampliando a conduta ética, a qual modifica o saber-se através das escutas, conduzindo à transformação de compreensões diante da experiência que se propõe.

Dessa forma, a experiência estética tem um papel decisivo na formação da sensibilidade que se transpõe no fazer ético e na constituição do agir moral, alicerçado nas diferenças, possibilitando ampliar o entendimento e compreensões do saber-se ético no contexto vivido. Posto que, a formação que a arte solicita se estabelece na experiência humana e difere da “mesmice” ante a singularidade que se apresenta. Exige uma formação que permanece em constante transformação em que o outro se mostra como via definitiva na estrutura do próprio formar-se.

O conceito de formação, aqui referido a partir da recepção do termo alemão *Bildung*, é concebido como formação humana e cultural. Para o conceito moderno de formação (*Bildung*), a hermenêutica filosófica confere uma historicidade que o afastará das premissas idealistas e abrirá uma perspectiva ontológica. Convém salientar que, no percurso histórico, o conjunto de rupturas acerca do ideal moderno de sujeito aproximou a concepção de mundo por meio da linguagem, o que justifica o discorrer da pesquisa, pois, para Gadamer, o mundo é linguagem. É por ela que se assume o papel de criação da própria existência, na relação da experiência. O autor afirma que a formação ocorre na

---

<sup>5</sup> Artigo apresentado no II Seminário Nacional de Filosofia e Educação - Confluências, 2006.

# Revista Gepesvida

constância do acontecimento, na persistência da ação decidida à formação humana. Ao percorrer a via da experiência em uma perspectiva hermenêutica, “[...] expressa uma vivência, pela qual aprendemos” (HERMANN, 2010, p. 115). Nesse sentido, no acontecimento da experiência, manifesta-se o movimento transformador de reconhecimento do que é real, observando que a experiência se caracteriza pela presença do tu e se constitui enquanto presença histórica que produz reconhecimento na partilha do encontro. Tal fato corrobora com a reflexão de Pedro Goerge, no texto: “Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas”, quando discorre sobre a importância de “se pensar em uma formação que aproxime o indivíduo da sua historicidade, ampliando a autonomia e o agir ético” (apud DALBOSCO; MÜHL; FLICKINGER, 2019).

Gadamer, na conferência *La educación és educarse* (2000), nos impele a pensar sobre a educação que intenciona um saber vinculado ao compreender a si que ocorre a partir da inseparabilidade entre o saber e a experiência, especialmente quando afirma que “[...] nos educamos a nosotros mismos” (GADAMER, 2011, p. 93). Estabelece-se uma formação com um caráter genuinamente histórico, um *reconhecer a si mesmo no ser-do-outro*<sup>6</sup>, efetivando-se na relação de comunicação. Afinal, segundo Carbonara (2017, p. 365): “Qualquer ação educativa só fará algum sentido se seus partícipes educarem a si mesmos na relação”.

A relação formativa que se apresenta diante da obra de arte participa da constituição “[...] de autocriar-se na relação com o outro” (CARBONARA, 2013, p. 123), percorrendo o estranho que se apresenta e criando possibilidades de constituir o sujeito nas relações diante da capacidade humana de elaborar tais experiências e com elas transformar-se. A arte constitui-se como formação do sujeito no mundo e na sua manifestação de ser como “[...] abertura para o reconhecimento da alteridade” (HERMANN, 2002, p. 102), provocando a capacidade de compreensão do outro e redimensionando o saber-se. Traduz-se na “possibilidade de descobrir outros modos de ser, ensaiar formas de criação de si que ultrapassem os modos de subjetivação disponíveis.” (HERMANN, 2014, p. 129).

Aqui, a hermenêutica surge como constituinte na formação da sensibilidade

---

<sup>6</sup> Citação recorrente no pensamento de Hans-Georg Gadamer ao referir-se sobre a estrutura da consciência da história efetual, *Verdade e Método*, 2007, p. 453.

# Revista Gepesvida

através da experiência da dança, pois, “[...] sustenta a experiência dela mesma”, constituindo-se na sua própria dança, como uma promessa sempre adiada de um revelar (TIBURI, 2012, p. 21). Mas, o que se pode dizer é que a dança solicita ser participada em seu pertencimento, para que a ação formativa se torne presença, principalmente porque a sensibilidade requer abertura para que o acontecimento possa sensibilizar. Porque, o encontro com a arte, segundo Hermann (2014, p. 131): “[...] abre a compreensão para a alteridade, um modo de ser sensível diante do outro”, em um movimento em que a participação do outro se manifesta como caminho para a experiência hermenêutica em que o fenômeno ontológico se apresenta como desvelamento ao compreender.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança estabelece-se como via de reflexão, ao longo do estudo, articulada à formação sob a perspectiva hermenêutica gadameriana e a educação, manifestando a arte da dança como constituinte de uma história e de uma compreensão existencial. Formando um corpo dançante que movimenta a incessante busca pelo autocriar-se, constituindo-se em um constante caminhar comum que permite se afetar pela presença do outro, no revelar do *verdadeiro fazer enquanto se faz*. Salientando, que a arte da dança se articula expressivamente com a estrutura de uma educação que amplia horizontes e se torna questionadora na presença da alteridade. O que se revela de forma distinta como constituição do pensamento educacional, em que o outro se mostra como possibilidade de autocriação comum, enquanto condição do acontecimento formativo. A isso, soma-se ainda, a dimensão estética dada por Gadamer, que permite reivindicar que toda experiência formativa atue na constituição de uma subjetividade que é sensibilidade antes mesmo de qualquer racionalidade.

Se uma visão de mundo funcionalista dá à arte uma condição circunscrita ao deleite e ao entretenimento, a hermenêutica filosófica permite pensar a experiência da dança como autêntico processo formativo. Em Gadamer, a arte produz tanta verdade quanto a ciência: em ambas, a legitimidade é dada pelo jogo linguístico em que os sentidos são atribuídos pelos partícipes que comungam a experiência. Vivenciar a dança, nesse contexto, é constituir sentido humano e, portanto, formar-se.

# Revista Gepesvida

Afinal, a dança, que se manifesta diante da inesgotável realidade posta, habita para além do que é questionado, ainda mais que qualquer compreensão disposta, em que o partícipe precisa saber tanto quanto possa e exprima sua compreensão; tanto quanto possa presenciar e ainda mais que se possa conhecer em demasia. Até porque, uma interpretação somente, por fim, desaparece na presença de uma nova experiência com a obra. Visto que, a arte propõe-se a transcorrer o caminho da não convenção, de construir o atual como um tempo singular nos movimentos que conversam com as sensibilidades e as escutas presentes. O que possibilita a manifestação do movimento *continuum*, enquanto abertura ao outro. Uma ação educativa que se mantém aberta na relação, permitindo que o outro se manifeste inteiramente outro. Aproxima, assim, a arte e a hermenêutica filosófica à realidade existencial, a compreensão ética em relação ao vínculo dos envolvidos, tornando-se experiência pela qual aprendemos.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas: Edson Bini. 4. ed. – São Paulo: Edipro, 2014.

CARBONARA, Vanderlei. Educação, ética e diálogo desde Levinas e Gadamer. 2013. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3736>.

CARBONARA, Vanderlei. O caráter deliberativo da formação a partir da concepção hermenêutica da aplicação. Filosofia, Educação, Formação: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação – III Jornada de Filosofia e Educação da FEUSP. In: GOTTSCHALK, Cristiane Maria Cornelia; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de; AQUINO, Julio Groppa. São Paulo: FEUSP, 2017. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/157>.

DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique; FLICKINGER, Hans-Georg (Org.). *Formação Humana (Bildung): despedida ou renascimento?* – São Paulo: Cortez, 2019.

FLICKINGER, Hans-Georg. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Acotaciones hermenêuticas*. Tradução: Ana Agud e Rafael de Agapito. Madri: Trotta, 2002.

# Revista Gepesvida

GADAMER, Hans-Georg. Erziehung ist sich erziehen. La Educación es educarse / Educação é educar-se. *Revista Santander*, n. 06, 2011. Disponível em: <https://www.uis.edu.co/webUIS/es/mediosComunicacion/revistaSantander/>.

GADAMER, Hans-George. *Hermenêutica da obra de arte*. Tradução Marco Antônio Casanova. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução: Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2007.

HERMANN, Nadja. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Unijuí, 2010.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação [o que você precisa saber sobre...]*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. Tradução/Revisão: João Paulo Monteiro e Newton Cunha. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NEUBAUER, Vanessa Steigleder. A noção de experiência vivencial significativa na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2015. Disponível em: A noção de experiência vivencial significativa na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer ([jesuita.org.br](http://jesuita.org.br))

RAJOBAC, Raimundo; BOMBASSARO, Luiz Carlos; GOERGEN, Pedro (Org.). *Experiência formativa e reflexão*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

RAJOBAC, Raimundo; BOMBASSARO, Luiz Carlos (Org.). *Música, Filosofia e Formação Cultural – Ensaio*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2017.

TIBURI, Marcia; ROCHA, Thereza. *Diálogo/Dança*. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

Data de submissão: 20.11.22

Data de aceite: 30.11.22